Perspectivas nativistas e manifestações literárias africanas no *Almanach de Lembranças Luso-brasileiro* (1851-1900)

*Débora Leite David**

Resumo: A partir da perspectiva das manifestações literárias africanas em língua portuguesa em periódicos do século XIX como o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, buscamos analisar os aspectos simbólicos relativos ao protonacionalismo e ao nativismo que ganharam relevância na construção identitária nacional dos países africanos de língua portuguesa durante a primeira metade do século XX, com o início da luta pela libertação contra as amarras coloniais. São aspectos que podem apontar indícios de uma posição consciente de alguns escritores em relação à necessidade da construção de uma literatura empenhada àquela altura, por meio de uma consciência histórica voltada para a ideia de formação de uma literatura pátria.

Palavras-chave: Nativismo. Protonacionalismo. África. Imprensa. Periódicos.

A geração dos novos intelectuais, escritores angolanos, também conhecidos como a “Geração de 50”, que organizou o movimento “Vamos descobrir

* Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Colaboradora do Centro de Estudos das Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa (CELP-USP) e Centro de Estudos Africanos (CEA-USP), dedicando-se à pesquisa concernente às literaturas de língua portuguesa. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em literatura comparada, literaturas angolana, moçambicana, brasileira e portuguesa, atuando, principalmente, nos seguintes temas: papel do escritor/intelectual, identidades, nacionalismo, utopia, violência e guerra. Atualmente desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo com o projeto “Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro: marcas literárias africanas em língua portuguesa no Século XIX”, sob a supervisão da Profa. Dra. Tania Celestino de Macêdo e com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Angola!” a partir de 1948, intensificou os movimentos intelectuais anticolonialistas preocupados com a construção e a afirmação de um novo sujeito que espelhasse aquela realidade político/cultural que se afastava cada vez mais das amarras colonialistas impingidas pela metrópole portuguesa. A perspectiva modelar desse grupo formado por Viriato da Cruz, António Jacinto e Agostinho Neto, entre outros, buscava a base de um sentido estético próprio para “a expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana”, segundo Mário Pinto de Andrade, afastando o exotismo colonialista.

Muito embora esteja sempre em destaque a aproximação entre a literatura brasileira e as literaturas africanas de língua portuguesa em formação na primeira metade do século XX, notadamente com o Grupo Sul no Brasil,¹ esse trânsito atlântico já era notável no século XIX com as referências que podemos encontrar entre Costa Alegre e Castro Alves ou Maia Ferreira e Gonçalves Dias.² Este movimento indicava algum afastamento da metrópole na busca por uma representação própria com outros modelos. A identidade desse sujeito cujo *locus* de enunciação se encontra nos países africanos de língua portuguesa, amplamente discutida no século XX, em meio à luta de libertação e à construção destas novas nações, pode ter a sua gênese considerada nas incipientes reflexões e manifestações dos escritores e jornalistas oitocentistas nascidos ou radicados nas ex-colônias portuguesas da África.

Enquanto escritores que são, ainda que alguns extremamente amadores, buscam caminhos à produção de literatura utilizando-se da estética para modelar a sua criatividade e originalidade. E assim, podem ser responsáveis pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões do mundo e de ensinamentos práticos através do uso da palavra. A constatação da tensão existente entre a estética e o social presente em parte das manifestações literárias em língua portuguesa dessa África oitocentista, desvela a postura destes escritores em relação

¹ Durante a década de 1950 esse grupo de jovens catarinenses (Salim Miguel, Eglê Malheiros, Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga e Silva, Antônio Paladino) edita a revista *Sul*, que representou um importante espaço de publicação de autores do outro lado do Atlântico como Luandino Vieira, Viriato da Cruz, entre outros, para além das remessas de obras da literatura brasileira e da intensa correspondência mantida no período. Cf. MIGUEL, Salim. *Cartas D'África e alguma poesia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005; e MACÊDO, Tania. *Angola e Brasil: estudos comparados*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

² “O sonho dantesco”, poema de Costa Alegre (São Tomé), cuja epígrafe é um verso do poema “O navio negroiro”, de Castro Alves (*Era um sonho dantesco... o tombadilho*). E o poema “À minha terra”, de Maia Ferreira (Angola), em que temos a referência constante ao poema “Canção de Exílio”, de Gonçalves Dias.

às questões da práxis humana.³ Entre estes escritores, alguns participavam como colaboradores do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. E destas colaborações, algumas podem ser tomadas como manifestações literárias que antecedem a ideia de sistema literário na concepção de Antonio Candido, e que retomo, tendo em vista que se apresenta pertinente a extensão de sua perspectiva teórica ao estudo da gênese das literaturas africanas de língua portuguesa:

Em fases iniciais, é frequente não encontrarmos esta organização, dada a imaturidade do meio, que dificulta a formação dos grupos, a elaboração de uma linguagem própria e o interesse pelas obras. Isto não impede que surja obra de valor – seja por força de inspiração individual, seja pela influência de outras literaturas. Mas elas não são representativas de um sistema, significando quando muito o seu esboço. São manifestações literárias, como as que encontramos, no Brasil, em graus variáveis de isolamento e articulação [...] (CANDIDO, 2006, p. 26).

A partir desta perspectiva, observamos esses primeiros esboços literários oitocentistas da África de língua portuguesa, que, muito embora, sejam pouco estudados, em razão da quase inexistência de características próprias e quase sempre trazendo imitações dos modelos canônicos, “já trazem o germe de alguns aspectos simbólicos que posteriormente ganharão relevância no âmbito das identidades nacionais constituídas” (GARMES, 2010, p. 218) nos países africanos de língua portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe). Destes aspectos destacamos o nativismo, o protonacionalismo e a referência à metrópole portuguesa, que podem apontar indícios de uma posição consciente de alguns escritores em relação à necessidade da construção de uma literatura empenhada já no século XIX. Ainda que não haja um programa intelectual demonstrado em farta produção literária, trata-se de uma consciência histórica voltada para a ideia de formação de uma literatura, e que pode ser encontrada de modo disperso nos poemas e pequenos textos que são criados em torno de temas e sentimentos de uma realidade individual, mas que demonstram a inquietação pela valorização e divulgação dos bens culturais locais.

³ A acepção neste caso refere-se à teoria da práxis marxista, pela qual o homem é considerado um ser ontocriativo, isto é, um indivíduo que, ao interagir com o mundo, modela seus pensamentos e ações.

Estas colaborações encontradas em jornais e outros periódicos são capazes de demonstrar como estes escritores e jornalistas oitocentistas assumem atitudes que serão retomadas para a impulsão dos movimentos nacionalistas nas ex-colônias portuguesas na primeira metade do século XX. Assim, os “velhos intelectuais” – como é designada essa geração do final do século XIX em Angola (Cf. CHAVES, 1999, p. 38-39), esboçam a tentativa de alterar as regras impostas pelo poder colonial ao valorizarem o patrimônio cultural da terra, inclusive com o uso das línguas das etnias locais, chamadas de nacionais, bem como a natureza, a tradição oral, e também a redignificação dos filhos do país, sobretudo o negro. Em muitos poemas encontramos a exaltação da beleza da mulher negra, o elogio aos ofícios dos filhos da terra, assim como a descrição embevecida da natureza africana com os seus rios, savanas e fauna característica. A releitura da produção oitocentista pelas gerações seguintes de escritores e intelectuais, notadamente em Angola, é indicada por alguns estudiosos das literaturas africanas de língua portuguesa, com especial destaque para o poeta Viriato da Cruz, que foi um dos principais incentivadores dessa retomada.

Nesse passo, ao estudarmos os parâmetros idealizadores do movimento da geração de 50 em Angola, torna-se imperiosa a necessidade de uma leitura desse ideal combativista propagado inicialmente na segunda metade do século XIX. A imprensa é desse modo um veículo privilegiado à disseminação de um ideário combativista e também de manifestações literárias que se apresentam àquela altura, carregadas de nativismo e de sentimentos de coletividade e de um novo pertencimento. Muito embora, a designação dessa geração como “velhos intelectuais” seja uma denominação própria da realidade de Angola no final do século XIX, colocamos a hipótese, por analogia, dessa experiência às outras províncias ultramarinas portuguesas no mesmo período em razão da circulação que havia nestes espaços daqueles que participavam ativamente da imprensa como José de Fontes Pereira, Cordeiro da Matta, Maia Ferreira, Ernesto Marecos, Alfredo de Aguiar, entre outros.

Ainda que por sua natureza de calendário ilustrado o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* representasse uma publicação de gênero popular e de lazer, a sua seção de “Variedades” dedicada à matéria literária cresceu de tal forma que nas edições de 1886 a 1890, juntou-se um suplemento somente de “Variedades” para acolher as numerosas colaborações. É é nessa seção do periódico português em que podemos encontrar indícios do esboço destas

literaturas que viriam a se consolidar somente em meados do século XX. Os poemas e pequenos textos enviados pelos colaboradores da África de língua portuguesa apresentam marcas de um sentimento de pertencimento à terra africana, afastando assim a ligação e a imagem da metrópole nas manifestações literárias publicadas durante o século XIX. Não existe ainda a comunidade imaginada, na acepção de Benedict Anderson, mas é possível apontar um declínio da imagem da metrópole como polo agregador das relações e das comunidades nas colônias africanas. Concomitantemente, surge uma mobilização nestas manifestações literárias, que se apresentam como instrumentos da expressão de um sentimento de vínculo coletivo e de laços protonacionais (HOBSBAWM, 2002, p. 63).

Para além da imprensa oficial e da imprensa livre⁴ nas ex-colônias portuguesas em território africano, temos o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, que servirá de instrumento propagador dessas iniciativas com uma circulação e distribuição em todo o território português, nas suas colônias e no Brasil. Ainda que a sua diretriz editorial restringisse a publicação de textos contestatários, esse periódico significou a possibilidade de estender a circulação de textos e poemas oriundos de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Guiné-Bissau, assim como a leitura entre pares, durante oito décadas (1851-1932), atravessando relevantes momentos históricos à realidade colonial das províncias no ultramar português.⁵

Observando mais atentamente o período histórico do recorte temporal escolhido para o *corpus* desta pesquisa, ou seja, as décadas de 1880 e 1890, percebemos o ápice de uma fase em que a imprensa livre (não oficial) teve sua expansão, algumas vezes apoiada por funcionários da administração colonial portuguesa, e outras tantas insistentemente conduzida por filhos do país. Com a chegada do prelo oficial às províncias ultramarinas, constatamos que rapidamente são estabelecidas também tipografias particulares, sobretudo em Angola. É a partir desse momento que surgem os periódicos que seriam fundamentais para a expressão de uma elite local. Mesmo os boletins oficiais, além da missão de divulgação dos atos administrativos, serviriam seus espaços e tipos à vida

⁴ A imprensa livre remete às tipografias particulares. No entanto, algumas vezes a expressão é usada para indicar a imprensa durante os períodos de ausência da censura prévia.

⁵ Por quase todo o século XIX as expressões colônia e província ultramarina foram utilizadas concomitantemente com o mesmo significado. Destacamos que nesse período estes territórios eram considerados extensões da metrópole portuguesa, a “mãe-pátria”.

literária. Haja vista a publicação do livro *Espontaneidades de minha alma* – às senhoras africanas, de José da Silva Maia Ferreira, publicado em 1849, ocasião em que existia somente o prelo oficial em Angola.

Assim, podemos apontar no final do século XIX, um período de intensa atividade da imprensa com uma produção literária peculiar que nos chama a atenção e merece destaque no tocante às reflexões sobre uma primeira fase nacionalista ou protonacionalista nas províncias ultramarinas portuguesas do continente africano. Uma fase incipiente, mas que faz parte de um processo de invenção nacionalista que Gellner e Hobsbawm enfatizam como uma engenharia na formação das nações, em que o nacionalismo toma culturas preexistentes, as inventa ou mesmo as oblitera completamente para a consolidação de um Estado-nação (Cf. HOBBSAWM, 2002, p. 19). Nessa perspectiva, cabe ressaltar que não são os Estados ou as nações que promovem o nacionalismo, mas sim o contrário. É a construção desse sentimento de pertença, a consolidação do nacionalismo, que levará ao surgimento da nação, e assim, do Estado-nação.

A partir da concepção de nação e Estado-nação na era do liberalismo burguês durante o século XIX, um dos critérios que permitiam a um povo ser classificado como nação era a existência de uma elite cultural estabelecida, que possuísse um vernáculo administrativo e literário escrito. Assim, a identificação nacional era muito mais linguística, ainda que a língua nacional fosse falada apenas por uma pequena minoria inserida na elite intelectual local. São relevantes, pois, à nossa perspectiva de pesquisa e análise na imprensa oitocentista, notadamente no *Almanach de lembranças luso-brasileiro*, os laços e vocabulários políticos dessa elite que estava diretamente ou indiretamente ligada às esferas de poder (instituições políticas e administrativas), ocupando cargos públicos da administração colonial portuguesa. A atuação desses escritores / jornalistas amadores seria a responsável pelas tentativas de generalização, extensão e popularização desse sentimento de pertença à terra africana, além dos ideais separatistas em relação à metrópole portuguesa.

Entretanto, antes mesmo de rotularmos esse período como um pré-nacionalismo ou um protonacionalismo, não podemos nos esquecer de que a acepção do nacionalismo moderno requer a ligação com uma unidade de organização política territorial, e o parâmetro colonial não era contestado completamente naquele momento, haja vista que aquela elite, apesar de manter uma postura mais aguerrida, não estava ainda voltada a uma práxis de definitiva ruptura

com a metrópole portuguesa (independência). Nesse sentido, encontramos algumas referências entre as colaborações africanas do *Almanach de lembranças luso-brasileiro*, entre estas, uma de direta e explícita relação com uma postura independentista angolana, em que Joaquim Cordeiro da Matta faz uma homenagem póstuma a José de Fontes Pereira:

Está de luto o jornalismo angolense! José de Fontes Pereira, o denotado propugnador dos interesses da sua pátria, o estrenuo separatista, já não existe! [...] Contristou-me immenso a morte d´este prestante angolense. Lamentei-a como se fosse a d´uma pessoa de minha família. (Mas o que são os nativos d´uma terra, senão uma só família?) (*Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1894, p. 419-422)

Nas páginas do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, Cordeiro da Matta ainda descreve extensamente as qualidades jornalísticas do homenageado, chamando-o de “fiel depositário das tradições da terra”:

Foi durante muitos annos um funcionario incansável, e como jornalista, no período de vinte e sete annos, foi correspondente d´alguns jornaes da metropole e collaborou em quase todos os jornaes que se publicaram na capital d´esta província. (*Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1894, p. 419-422)

Os jornais que tiveram a sua colaboração foram *A Voz do Minho* (Valença), *O Campeão das Províncias* (Aveiro), *O Século* (Lisboa), todos da metrópole portuguesa, além dos jornais da região de Luanda como *Mercantil*, *Cruzeiro do Sul*, *Jornal de Loanda*, *Echo de Angola*, *O Futuro de Angola*, *Ultramar*, *Pharol do Povo*, *Imparcial*, *Arauto Africano* e *Desastre*. Apesar de José de Fontes Pereira não aparecer entre os colaboradores do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, trata-se de um jornalista extremamente ativo, cuja atuação questiona e problematiza a máquina colonialista portuguesa, destacando-se na imprensa em Angola, como também em Portugal.

Notável, sem dúvida, é a atuação de Cordeiro da Matta que, como colaborador do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, esteve presente em vários números desse periódico, entre os anos de 1879 e 1897. Com uma participação incansável, buscava reproduzir os caminhos necessários à construção de uma literatura pátria angolense. Destacamos, nesse sentido, um trecho da resenha

ao seu livro *Delírios*, publicada no jornal *O Araujo Africano*, em que Mamede de Sant'Anna e Palma elogia o compatriota:

[...]

O mancebo a que me refiro é o meu dedicado amigo Joaquim Dias Cordeiro da Matta. Não cursou universidades, nunca esteve em collegio nenhum da Europa, nem em escola nenhuma de Loanda; e é por isso mesmo que tem jus ao elogio universal, á consideração dos seus contemporâneos, á estima dos seus patrícios e ao respeito dos homens illustrados; porque á força de muita [?] tem querido honrar o seu paiz, legando á posteridade o fructo da sua dedicação – uma obra primorosa, em fim.

[...]

E oxalá Deus vos torne mais feliz, para que um dia vosso nome figure nos lastros patrios.

(O Arauto Africano, Loanda, 19 maio 1889, n. 9, p. 3-4)

A chegada da imprensa oficial em meados do século XIX às províncias ultramarinas portuguesas foi, assim, o elemento propulsor não apenas de uma imprensa local, cada vez mais voltada às questões locais, ao próprio, mas também o elemento divulgador de um novo sujeito, de um pertencimento e de uma língua comuns, que pouco a pouco seriam concepções construídas e fixadas pelo caráter perene, ainda que ilusório, da impressão. Espaço que rapidamente seria ocupado pela elite intelectual local, ainda que de uma forma tímida em razão da sua minoria em relação à população em geral e do pequeno número de jornais, que eram fechados, na medida da sua combatividade, em razão da censura do governo colonial. Com essa perspectiva da importância da imprensa nesse período, trazemos à nossa reflexão o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, que foi notável em razão da sua distribuição, possibilitando uma circulação que alcançava, inclusive, localidades distantes e fora dos centros letrados como algumas cidades das províncias ultramarinas no território africano, como Ambriz e Benguela, em Angola, ou Inhambane e Quelimane, em Moçambique.

Ainda que houvesse uma quantidade expressiva desse tipo de periódico em território português, o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* destaca-se por sua inovação editorial, como nos explana Jean-Michel Massa:

Outros almanaques houve no mundo lusófono, outras revistas, outros periódicos, mas só o nosso almanaque se define por um neologismo geográfico, político e

comercial. Salvo erro, nenhum dos dicionários anteriores deste século, tinha na sua capa Luso-Brasileiro. Nem Bluteau, nem Silva Morais, nem os mais próximos no tempo. De lembrar que até meados do século XIX o adjetivo brasileiro servia para definir as línguas indígenas locais. Foi uma bela invenção linguística reunir, sob o mesmo título, Portugal e o Brasil não indígena, separados desde a independência em 1822, unidos e separados pelos respectivos monarcas. (MASSA, Preâmbulo, 2012, p. 19)

Com uma breve epígrafe de La Fontaine, que sempre acompanhou as edições do periódico, os editores apresentam suas pretensões: “*Les longs ouvrages me font peur: / Loin d’épuiser une matière, / On n’en doit prendre que la fleur*”.⁶ O *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* teve sua primeira edição em 1850 e foi impresso em Paris até 1853 pela Tipografia M. Cerf. A partir de 1854 passa a ser editado em Lisboa, ocasião em que foi alterada a sua denominação para *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Sua impressão se alternou entre algumas tipografias portuguesas, permanecendo um longo período até o seu final com a casa editorial António Maria Pereira. O ano de 1854 também é o marco de uma importante mudança, realizando-se duas edições a cada ano, a partir de então, uma para Portugal e outra para o Brasil, sendo diferenciadas somente pelos calendários. Em 1872, o periódico passa a ser chamado de *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, seguindo assim até a última edição em 1932. Referido sempre como uma publicação eficiente na sua circulação e distribuição, especialmente se comparada a outras publicações da mesma época, na sua edição para o ano de 1855, Alexandre Magno de Castilho, seu editor, destaca no Prólogo a tiragem de 20 mil exemplares. Na edição do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* para o ano de 1864, na seção de anúncios encontramos a seguinte frase encorajando seus futuros anunciantes: “A tiragem d’este livrinho nunca é inferior a 16:000 exemplares, que são distribuídos pelo Brazil, pelas nossas possessões d’além-mar, ilhas, e todas as terras de alguma importância do paiz”. Infelizmente, não há registros sobre a quantidade individualizada por destino dessas remessas.

No tocante à circulação do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, destacamos que a aproximação que se verifica na primeira metade do século XX entre os países africanos de língua portuguesa e o Brasil, em realidade

⁶ Livros longos me assustam / longe de esgotar um assunto, / devemos tomar somente o melhor (tradução livre).

apresenta-se como uma consolidação de um contato anterior e profícuo proporcionado pelo periódico português como relata Tania Macêdo:

Já no século XIX forjam-se mecanismos de maior aproximação literária entre os países africanos e a literatura brasileira, como se pode inferir, por exemplo, da publicação *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851-1900 – primeira fase) que se constitui em importante veículo de diálogo literário, já que, em função de sua longevidade e do elevado número de colaboradores (e assinantes) estabelece um espaço de conhecimento de várias realidades e textos. Dessa forma, vemos cruzarem-se nas páginas dos pequeninos livros cheios de informações úteis, jovens escritores como os brasileiros Casimiro de Abreu e Machado de Assis, os angolanos Cordeiro da Matta e José da Silva Maia Ferreira, assim como os cabo-verdianos José Lopes da Silva e Maria Luísa de Sena Barcelos, ou ainda o moçambicano Campos de Oliveira, para citarmos alguns nomes mais importantes. (MACÊDO, 2008, p. 130)

Compiladas as colaborações desse período (1878-1898), pudemos verificar que as mesmas podem ser indicadas a partir de cinco categorias que seriam a poesia, o *fait-divers*, a prosa etnográfica, a micronarrativa e a adivinha (charadas, enigmas e logogrfos). É de notar, no entanto, igual importância das citações e das interlocuções que encontramos nas palavras dos editores nas seções de Prólogo e de Correspondência. Nestas últimas notamos a revelação de uma diretriz editorial, e, principalmente, de um cuidado com a sua manutenção, como podemos ver no excerto a seguir destacado: “A.S. (Angola). – Ainda que a sua indicação seja a benefício d’essa parte da Africa, tão digna de uma boa sorte, parece ella envolver censura a uma autoridade, e como tal foge do nosso programa.” (*Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1864, p. 32) Além disso, notamos, outrossim, indícios de uma postura que não se distancia da postura colonial, que se poderia esperar de um periódico metropolitano, ainda que aberto a todas as comunidades de língua portuguesa, publicando, inclusive, textos em línguas de algumas “etnias africanas” ou em crioulo. Destacamos, nesse sentido, a resposta dos editores ao colaborador “Reparador africano”, em que se aponta “a índole que imprime nos corpos o calor africano”: “Ao leitor, que dominado pela índole que imprime nos corpos o calor africano, só mezes depois de lá chegar o *Almanach* de 1884, se lembrou de debicar n’uma das suas paginas, respondemos: – Escapou, sim senhor.” (1885, p. 57)

Nesta categorização das colaborações africanas, interessa-nos, sobretudo, a poesia para refletir acerca da problematização da gênese das literaturas africanas de língua portuguesa. Partindo da acepção de manifestações literárias de Antonio Candido, em que estas se apresentam como descontínuas e dispersas, buscamos identificar pistas que levassem a uma possível tradição literária no âmbito de um campo literário construído sob o colonialismo. Apesar da manifestação literária se caracterizar inicialmente pela impossibilidade de uma tradição em virtude da sua descontinuidade e dispersão, é de notar que, ao compulsarmos algumas obras literárias das literaturas africanas de língua portuguesa, consolidadas em meados do século XX, constatamos algumas pistas que nos levam a temas e experimentações formais realizadas na segunda metade do século XIX, e que parecem ter sido retomadas sob outra perspectiva em razão dos movimentos nacionalistas. Nesse sentido, verificamos a ambiguidade própria do período em questão – o final do século XIX, em razão da tênue iniciativa nacionalista, que ainda hesita no completo repúdio ao domínio colonial. Retomando as palavras de Tania Macêdo:

Ocorre que sob o sistema colonial a tradição é fraturada, na medida em que na lógica colonial a existência de um sistema literário autônomo, do colonizado, significaria não apenas uma maneira própria de representação de e do outro, a negação dos modelos tecno-formais da literatura da metrópole mas, principalmente, a negação do domínio colonial. (MACÊDO, 2008, p. 126)

Desta forma, temos nessa geração oitocentista, um tímido começo, mas latente, de uma tomada de consciência, em que os escritores estudados procuravam uma maneira própria de representação, ainda que nem sempre obtivessem êxito na produção de uma literatura própria. E assim, ressaltamos uma vez mais, a importância do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, especialmente na sua primeira fase (1851-1900) como um veículo da imprensa, extremamente relevante à aproximação literária entre os países de língua portuguesa no século XIX.

Portanto, como já referimos, na leitura do conjunto das colaborações africanas ao *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* nas duas últimas décadas do século XIX, é possível perceber uma tendência que se mantém de certa maneira no século XX. Estas participações estão carregadas de elementos próprios da cultura local e de outras línguas, além da portuguesa, notadamente quando se

trata de autores oriundos de regiões de Angola, São Tomé e Moçambique. Os exemplos que encontramos remetem a temas que se mostram recorrentes como a figura da mulher africana e a terra africana, sobretudo na poesia. Muito embora tenhamos uma produção literária dispersa, que se afasta de um perfil colonial, acreditamos existir uma incipiente tradição literária nesse período, que será retomada pelas gerações seguintes. Aproximando a perspectiva de Bloom (1993) no sentido de que um texto sempre remonta a um texto anterior, atualizando, ampliando ou revitalizando os temas recuperados, podemos apontar os elos temáticos como formadores dos valores da tradição, num dado conjunto literário.

Nesse passo, ressaltamos os diálogos temáticos que são encontrados entre as colaborações do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, que indiciam a possibilidade de paradigmas estéticos de uma incipiente tradição literária, cujos elementos serão retomados e reconstruídos, sobretudo pelas gerações da primeira metade do século XX. Essa iniciativa de construção “unificada” interligando as manifestações literárias nesse período pode traduzir o princípio da construção da tradição nesse espaço da língua portuguesa, com a continuidade de temas e, quiçá, de posicionamentos ideológicos, impregnados às estruturas textuais. Nesse passo, é incontornável o espectro do nativismo e de um incipiente nacionalismo impulsionando essas manifestações literárias, caracterizando um percurso histórico que consolidará uma tradição voltada à construção das identidades nacionais.

Retomando a hipótese da determinação de uma tradição literária que se coloca nas manifestações literárias encontradas entre as colaborações africanas do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, propomos a análise de alguns exemplos que, remetendo a características nativistas, a partir de um “ideal africano”, afastam o olhar homogeneizante e estereotipado do colonizador, apresentando uma nova maneira de representação do sujeito africano e dos valores culturais africanos, identificando-se, outrossim, com o sentimento nacionalista que permeava o Romantismo em outros países, como nos lembra Rita Chaves:

A adesão a um movimento coletivo que transforma a experiência literária numa espécie de compromisso com a história da própria nação converteu-se, afinal, num dos elementos constitutivos da literatura angolana. Esse lastro tão poderosamente romântico definiu os rumos de toda essa produção literária, preservando um senso de identificação com a terra que teve expressão literária já no conhecido (ou tido como) primeiro volume de poesias publicado por um escritor da África de língua oficial portuguesa: Espontaneidades de minha alma – às senhoras africanas, de

José da Silva Maia Ferreira, editado em 1849. Condição pela conturbada história de Angola, o trajeto desse escritor deixa transparecer os sintomas da assimilação cultural, fenômeno a que estavam sujeitos os filhos da elite angolana das primeiras décadas do século XIX. No entanto, mesmo nos poemas que podemos ler no *Almanach de Lembranças* editado em Portugal, já se vislumbram os sinais do sentimento nacionalista que, de resto, pontuavam o Romantismo em vários países do mundo. Se não resultavam de um procedimento propriamente original, tais marcas favoreciam a manifestação de elementos propícios à criação de um sistema literário nacional. (CHAVES, 1999, p. 44-45)

No caso de Angola, apontamos alguns poemas que foram escritos em torno do tema da mulher africana por autores como João Cândido Furtado de Mendonça d'Antas, Alvares Paes, Joaquim Dias Cordeiro da Matta e Eduardo Neves, e que foram publicados no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, formando um conjunto de relevante interesse à questão da tradição literária. Furtado d'Antas, português de Viana do Castelo, viveu muito anos em Angola exercendo cargos públicos como Juiz de Direito, Auditor do Exército e Delegado da Fazenda. Foi também colaborador do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Segundo a crítica trata-se de um poeta português ultrarromântico sem marcas de enraizamento em Angola, muito embora, seja relevante historicamente a sua pequena produção literária que se aproxima, em certa medida, dos projetos de desenvolvimento de uma atividade cultural autônoma de outros autores como Maia Ferreira e Cordeiro da Matta. É dele o poema “No álbum de uma africana”, que estreia a iniciativa no tocante ao tema da mulher africana, que foi publicado no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1864* à página 116, década em que havia ainda poucas colaborações africanas neste periódico. Deste poema, destacamos as duas primeiras estrofes:

Qu'importa a côr, se as graças, se a candura,
Se as fórmãs divinaes do corpo teu
Se escondem, se adivinhão, se apercebem
Sob esse tão subtil, ligeiro véu?

Que importa a côr, se o sceptro da belleza
Co' o mesmo enleio e brilho nos seduz?
E se o facho d' amor reflecte e esparge
Ou no jaspé, ou no ébano, igual luz?
[...]

Nos versos de Furtado d'Antas temos a reiterada justificativa dos motivos que enaltecem a beleza negra da mulher africana, cujas “formas se escondem” sob o sutil e ligeiro véu da cor da sua pele. O insistente apelo “Qu'importa a côr”, expressão presente na primeira, segunda e última estrofe, demonstra uma postura de vênica à figura tradicional da mulher amada. A beleza feminina que ora se apresenta em verso é outra, mas não menos bela, e está todo o tempo à sombra do modelo de beleza que o eu-lírico persiste manter em perspectiva, ou seja, a mulher branca.

No mesmo apelo em relação à beleza da mulher africana, temos o poema “A uma africana”, de Alvares Paes, publicado no *Jornal de Loanda* em 1878. Do mesmo modo que Furtado d'Antas, Alvares Paes enaltece a beleza feminina, apesar de sua cor. Novamente a mesma expressão: “que importa a cor?”, perpetuando a imagem da mulher negra que tem a sua beleza contraposta ao modelo europeu. Destacamos a presença no mesmo *Jornal de Loanda* em 1878, do poeta João Toulson, com os versos intitulados singelamente como “Poesia”:⁷

«Lá na ilha pequenina Encontrei certa deidade, Tão formosa na verdade, Que a julguei obra divina, – Vem cá minha menina – «Eu lhe disse, – Oh meu amor – Não me fuja. Por favor – Vá um beijo, minha bela – – Canã'ngana, me disse ela Que quer dizer, não senhor.	– Não sabe que a vida deu Só por um beijo seu – – Ua tolo – me respondeu E sorrindo-se corou. – Gina r'ié? perguntou, – Sou João, disse a sorrir – Um criado p'rá servir – Quia'n'bote volveu-me ela – 'Gan Zuá, ualó cuelela – Macuto m'é, está a mentir.	– Um favor pedir-lhe vou, – Desejo a sede matar, – Pois não, vou-lhe água buscar. – Quinga boba, eme 'ng'isô – A sede já se apagou – Sente-se aqui junto a mim, – Entrou-me um tal fogo, assim – Dos pés até à cabeça... – 'Gan Zuá, ualó catessa Disse queixosa, e fugiu.
---	---	---

Estes três poemas são publicados no jornal que marca, segundo Salvato Trigo (1977, p. 39), a transição de um jornalismo essencialmente colonial para um jornalismo cada vez mais comprometido às questões angolanas, sob a direção de Alfredo Troni. O poeta João Edmundo da Cruz Toulson, nascido em Luanda, teve ocupações como professor de ensino primário, tabelião e escrivão do Tribunal de Moçâmedes. A sua participação na imprensa angolana do século

⁷ In: TRIGO, Salvato. *Uma introdução à literatura angolana de expressão portuguesa*. Porto: Brasília, 1977, p. 40-41. Originalmente publicado no *Jornal de Loanda*, n. 12, de 25 de outubro de 1878.

XIX, segundo consta, restringia-se, sobretudo, ao *Jornal de Loanda*, embora haja indicações da existência de manuscritos seus em poder de familiares. Este poeta é considerado por alguns críticos como “precursor da poesia nacional”, em virtude do seu poema “Poesia”, em que o quimbundo é utilizado numa atitude de afirmação estética. Ao misturar as duas línguas entre os seus versos, Toulson não está apenas lançando mão de um bilinguismo, pois não há traduções ou notas sobre as expressões em quimbundo no referido poema. O tema é o amor da mulher africana e a negativa da mulher amada, o que por si só atualiza de certa maneira o tema da poesia de Furtado d’Antas e de Alvares Paes. No entanto, a superação definitiva do modelo anterior se dá em relação à proposição da beleza negra que não se coloca relativamente à branca e eurocêntrica, para além da superação estética com o uso do quimbundo, que subverte a norma culta da língua portuguesa. Nesse sentido, é que podemos afirmar que há, inclusive, uma afirmação ideológica que se propõe esteticamente, a partir dessa ocorrência na imprensa angolana.

A “Poesia”, de João da Cruz Toulson, traz uma construção singela que se apresenta em três estrofes de dez versos cada uma, cujo modelo é conhecido como décima espinela ou redondilho. Tem essa denominação tendo em vista que a estrofe é formada por versos heptassílabos com o esquema de rimas ABBAACDDC, usada pela primeira vez pelo poeta espanhol Vicente Espinel, em seu livro *Diversas rimas*, de 1591. Esquema que se perpetuou entre trovadores, cantadores e repentistas, por sua expressiva musicalidade. Segundo Francisco Soares, que estudou sistematicamente os esquemas rimáticos da poesia angolense do século XIX, tal estrutura não chega a ser significativa:

A conclusão a tirar do rol é a de que a décima não tem grande significado para a definição do cânone poético local, nem pelos dez versos, nem pelos esquemas rimáticos praticados. Ela apenas reforça a ideia de que o verso heptassilábico era dos mais importantes, em termos de frequência, para o corpus e mesmo para a lírica novecentista angolense. (SOARES, 1998, p. 82)

Entretanto, ainda que este modelo de versificação seja abandonado e não tenha ocupado um espaço relevante na criação poética naquele momento, fato é que nos chama a atenção a presença de referências à musicalidade e, principalmente, a ritmos musicais para caracterizar uma tradição cultural angolana.

Ainda temos exemplos de Cordeiro da Mata (“A Ingombota e o bródio”, prosa), Eduardo Neves (“N’um batuque”) e Viriato da Cruz (“Namoro”), nesse sentido. De todo modo, o poema de João Toulson apresenta de modo indubitável uma nova representação da realidade luandense, por meio da perspectiva crioula anunciada com a despreziosa convivência entre as duas línguas, a do colonizador e a do colonizado. Essa atitude estética coloca em causa o antagonismo próprio da relação colonial e representa outra realidade misturada, ressalvadas as questões de prejuízo da dinâmica colonial. Entretanto, surge na imprensa desse momento, um novo discurso coloquial e literário em quimbundo, e, por isso, fixado nesse momento, muito embora essa mudança seja abafada cada vez mais e represada na periferia (musseques).

A “iniciativa nacionalista” de Toulson com a criação do referido poema não se limita às inovações por ele adotadas. Verificamos que este poema acaba por ser o estopim da criação de uma sequência de poemas que são publicados em jornais angolanos e no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Essa preocupação na reprodução da postura estética proposta por Toulson está presente na poesia de Cordeiro da Matta e Eduardo Neves, principalmente, e relativamente na de Jorge de Lucena e Alfredo de Aguiar. Estes quatro autores aparecem nas edições do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* durante o período de 1880 a 1898, colaborando não apenas com a criação poética. Mas, entre seus poemas publicados no referido período, há uma presença constante dos elementos temático e estético de Toulson. Inicialmente, os indícios dessa recorrência estética apontavam para uma sequência determinada pelos poemas “Canã ngana” (como é chamado o poema de Toulson por alguns críticos), “N’um batuque!”, de Eduardo Neves e “Kicôla”, de Joaquim Cordeiro da Matta, estes dois últimos publicados no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* dos anos de 1880 e 1888, respectivamente. Essa recorrência, que indicaria a primeira fase do percurso na construção de uma tradição literária, teria como características a presença do bilinguismo, da conquista amorosa, do sujeito poético interculturalizado que fala a língua portuguesa e também o quimbundo, e da mulher africana que fala somente o quimbundo e compreende a língua portuguesa. No tocante à beleza da mulher africana é de notar que temos também a sugestão da comunidade crioula luandense com a figura da morena ao lado da negra, além da sugestão ultrarromântica com o uso do termo donzela, a partir de então.

No entanto, percebemos a existência de outros poemas que dialogaram com essa temática e estética. Curioso notar o contraponto da imitação proposta primeiramente entre Cordeiro da Matta em relação a Toulson, que dá ensejo a outra entre Alfredo de Aguiar em relação a Eduardo Neves, para além das dedicatórias entre estes quatro poetas e outros de suas relações, aparentemente participantes ou pelo menos sabedores dessa nova proposta de afirmação cultural angolana, incentivadora dessa interlocução. Essa hipótese poderia ser creditada ao fato de que alguns dos poemas encontrados no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, foram publicados anteriormente em jornais locais da região de seus autores. Essa circularidade da criação poética, com algumas diferenças, girava sempre em torno da questão do bilinguismo e do amor da mulher africana e sua negativa, variando sutilmente as tentativas estéticas formais.

Résumé: Du point de vue des expressions littéraires africaines en portugais dans les revues du XIX^e siècle comme l'*Almanach de souvenirs luso-brésilienne*, nous analysons les aspects symboliques liés à protonationalism et nativisme, qui ont pris de l'importance dans la construction de l'identité nationale des pays lusophones d'Afrique pendant la première moitié du XX^e siècle, avec le début de la lutte de libération contre la domination colonial. Sont des aspects qui peuvent pointer indications de position consciente de certains auteurs sur la nécessité de construire une littérature engagée dans cette époque, par une conscience historique vers l'idée de former une littérature nationale.

Mots-clés: Nativisme. Protonationalisme. Afrique. Presse. Périodiques.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Panorama histórico da literatura angolana. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006, p. 211-213.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, Mário Pinto de. *Origens do nacionalismo africano, continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa: 1911-1961*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

DAVID, D. L. Perspectivas nativistas e manifestações literárias africanas no *Almanach...*

BLOOM, Harold. *A angústia da influência*. São Paulo: Cultrix, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos 1750-1880. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CAVACAS, Fernanda e GOMES, Aldónio. *Dicionário de Autores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. 2a. edição. Lisboa: Caminho, 1998.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2005.

_____. *A formação do romance angolano*. Entre intenções e gestos. São Paulo: FFLCH-USP, 1999.

CORDEIRO, António Xavier Rodrigues (editor). *Novo almanach de lembranças luso-brasileiro*. Lisboa: António Maria Pereira, 1877-1897. Anual.

COSTA ALEGRE. *Versos*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1991.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GARMES, Hélder. *A convenção formadora: uma contribuição para a história do periodismo literário nas colônias portuguesas*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

_____. Percurso pela documentação histórica e literária dos países africanos de língua oficial portuguesa (séculos XV-XIX). In SECCO, Carmen Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Sílvio Renato (orgs.). *África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: UFRJ / UEA, 2010, p. 209-222.

HOBSBAWN, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 230p.

MACÊDO, Tania. *Angola e Brasil: estudos comparados*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

_____. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Editora Unesp; Luanda: Nzila, 2008.

_____. A presença da Literatura Brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de Língua Portuguesa. *Revista Via Atlântica*, n. 13, São Paulo, p. 123-152, 2008.

102 _____ . As literaturas africanas e o jornalismo no período colonial. *Revista Maça*, União

dos Escritores Angolanos, Luanda, n. 1, p. 71-83, outubro de 2010.

MARTINEZ, Esmeralda Simões. Legislação portuguesa para o ultramar. *África e africanidades, revista eletrônica*, n. 11, novembro de 2010. Disponível no endereço eletrônico: www.afriacaeffricanidades.com.br.

MASSA, Françoise; MASSA, Jean-Michel; GUILLERM, Martine (orgs.). *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Presença caboverdiana (1851-1900). Mindelo: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2012.

MEMMI, Albert. *O retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MOSER, Gerald. *Almanach de Lembranças 1851-1932*. Linda-a-Velha: ALAC, 1993.

OLIVEIRA, Mário António. *A formação da literatura angolana (1851-1950)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997.

PINTO, Alberto de Oliveira. *Representações literárias coloniais de Angola, dos angolanos e das suas culturas (1924-1939)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2013.

SOARES, Francisco. *Notícia da literatura angolana*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.

_____. *Quicôla – estudo*. Para um conhecimento do patrimônio formal da poesia angolana. Évora: Pendor, 1998.

TAVARES, Ana Paula. Cinquenta anos de literatura angolana. *Revista Via Atlântica*, n. 3, São Paulo, USP, p. 124-130, 1999.

TRIGO, Salvato. *Introdução à literatura angolana*. Porto: Brasília, 1977.